



## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

### **PRÁTICAS JORNALÍSTICAS DURANTE A PANDEMIA: A EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS DO CURSO DE JORNALISMO DA ESPM – SP**

**Maria Elisabete Antonioli<sup>1</sup>; [elisabeteantonioli@hotmail.com](mailto:elisabeteantonioli@hotmail.com)**

#### **RESUMO**

Este trabalho aborda um estudo de caso sobre a experiência dos alunos e professores do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing, ESPM, São Paulo, Brasil, no ano de 2019, durante o período da pandemia pela COVID-19. As questões discutidas se referem ao papel do professor como agente facilitador, apoiado por metodologias ativas nas aulas, como também, às atividades dos alunos desenvolvidas com o auxílio das tecnologias digitais de informação. Autores como José Moran (2018), Ramón Salaverría (2009) e Paulo Freire (2005), entre outros, subsidiam as discussões e reflexões assinaladas, que apontam, ao final, uma experiência interessante que poderá ser aplicada em alguns momentos também nas aulas presenciais.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Curso de Jornalismo. Metodologias ativas. Tecnologias digitais da informação.

#### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem o objetivo de relatar a experiência dos alunos e professores do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing, ESPM, São Paulo, Brasil, no ano de 2019, durante o período da pandemia pela COVID-19. As aulas presenciais ocorreram somente no mês de

---

<sup>1</sup> Maria Elisabete Antonioli é doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. É coordenadora e professora de Jornalismo da ESPM- SP. E-mail: [elisabeteantonioli@hotmail.com](mailto:elisabeteantonioli@hotmail.com).



fevereiro, pois em março desse ano, o governo anunciou as medidas de distanciamento social. Rapidamente a direção da faculdade se mobilizou e, além do investimento tecnológico, ofereceu cursos para subsidiar os professores na condução das aulas online. Assim, praticamente nos dois semestres letivos de 2019, os alunos tiveram aulas síncronas. Os planos de aulas foram modificados, em especial, nas disciplinas em que além da teoria, há uma parte prática oferecida nos estúdios e laboratórios da faculdade. Nesse sentido, deve ser mencionado que as aulas somente teóricas foram conduzidas sem grandes alterações, mas, não há dúvida, que as outras necessitaram de uma revisão em todos os quesitos práticos e tal fato foi considerado o maior desafio. Os programas de rádio e de vídeo passaram a ser realizados na casa dos alunos. Essa nova forma de fazer jornalismo foi similar às produções dos jornalistas profissionais, que também passaram a transmitir reportagens e muitos programas de suas casas, com o suporte das tecnologias digitais de informação. Foi um aprendizado tanto para os alunos dos cursos como para os profissionais e apesar das dificuldades enfrentadas, em um primeiro momento, a experiência foi satisfatória e significativa.

Tendo em vista os desafios enfrentados para os alunos praticarem jornalismo em áudio em vídeo em suas casas e distante de laboratórios e estúdios da faculdade, optou-se, neste trabalho, em discutir duas condições que foram fundamentais para que essas experiências alcançassem êxito: 1. o papel do professor como agente facilitador, apoiado por metodologias ativas nas aulas; 2. as atividades dos alunos desenvolvidas com o auxílio das tecnologias digitais de informação. Portanto, as questões assinaladas se constituem o objeto de reflexão deste trabalho com o devido embasamento de referenciais teóricos. Para a discussão sobre a utilização tecnologias digitais de Informação estão presentes autores como José Moran (2018), Ramón Salaverría (2009), Luís Mauro Sá Martino (2014) e outros. Em relação às metodologias ativas são referências autores como Donald A. Schön (1998), José Moran (2018), Paulo Freire (2005), entre outros.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho se identifica com um “estudo de caso” e leva em consideração as palavras de João José Saraiva da



Fonseca (2002) que considera uma investigação que se debruça sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, e procura-se descobrir nela o que há de mais essencial. Também consta a referência de Antônio Joaquim Severino (2007) como um estudo de um caso particular que é representativo de um conjunto de casos análogos significativamente representado por ele.

### **1.1 Metodologias ativas na educação jornalística**

De acordo com Moran (online, 2000) todo processo de aprendizagem é, em algum grau, ativo, pois exige do aluno diferentes formas de movimentação. Contudo, quando as metodologias ativas se constituem no instrumento didático utilizado em sala de aula, espera-se do aluno proatividade. Essa proatividade, muito distante da educação bancária, criticada por Paulo Freire como instrumento de opressão (2005), é associada, indiscutivelmente, à educação libertadora defendida pelo pesquisador, que estimula o aluno a participar ativamente do processo de aprendizagem, pois o professor deve promover um diálogo permanente com ele. Portanto, é uma relação antiautoritária e há uma valorização da experiência vivida como base no ato dialógico. Então a prática educativa é realizada junto a uma prática social concreta e o diálogo se faz presente em todos os momentos. Para Paulo Freire (2005, p. 91):

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

O papel do professor é o de problematizar as questões, orientar, desafiar, estimular e motivar o aluno, por meio do dialogismo. E, nas aulas online, é preciso redobrar a atenção nesses quesitos, pois no ambiente virtual o discente, normalmente, tem uma tendência a dispersar com facilidade. Assim, é preciso trazê-lo para a compreensão, ação e reflexão por meio também do diálogo. Paulo



Freire (2005, p. 96) diz que o diálogo implica e gera um pensamento crítico. “Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação”.

Conforme Moran (2015, p. 39), um professor ativo é um design de caminhos. Para o pesquisador: “o professor se torna cada vez mais um gestor e orientador de caminhos coletivos e individuais, previsíveis e imprevisíveis, em uma construção mais aberta, criativa e empreendedora”. Então, a dialogicidade entre docente e discente é fundamental para que essa orientação ocorra em sintonia.

Para Donald Shön (1998, p. 32) este é o ensino prático reflexivo, em que ele acredita ser um elemento-chave da educação profissional e que pressupõe: conhecer e refletir na ação e também refletir sobre a reflexão na ação. Conforme o pesquisador, pode-se refletir sobre a ação fazendo uma retrospectiva sobre o que foi feito “de modo a descobrir como nosso de conhecer-na-ação pode ter contribuído para um resultado inesperado”. Segundo Shön (1998, p.41), “nossa visão do trabalho do ensino prático e das condições e do processo apropriados a ele depende, em parte, de nossa visão dos tipos de saber essenciais à competência profissional”.

O pesquisador diz, também, que os educadores profissionais se preocupam com a distância entre a concepção do conhecimento profissional que é dominante nas escolas e as atuais competências exigidas dos profissionais. Essa questão tem sido bastante discutida, por exemplo, associada aos cursos de Jornalismo que necessitam preparar os alunos devidamente para exercer as competências da profissão no mercado de trabalho, afetado fortemente pelas novas tecnologias. São competências voltadas ao fazer jornalístico que exigem desse profissional, além daquelas competências tradicionais e definidoras da cultura profissional, outras que foram geradas pelo célere desenvolvimento tecnológico, com ênfase no ambiente virtual. Salienta-se, como exemplo, que hoje o jornalista pode pesquisar, escrever, tirar foto, fazer vídeo, editar e publicar fora da redação. São novas competências advindas principalmente das tecnologias propiciadoras do ambiente digital. E o chamado profissional multimídia.

Assim, os conteúdos de cunho humanístico devem coabitar com os conteúdos práticos e os alunos, além das práticas, precisam ser incentivados pelos



professores a refletir sobre tudo que produzem. Por este ângulo, ressalta-se o documento relatado em 1994 por Jacques Delors, em atenção à solicitação da UNESCO, em que ele nomeia os quatro pilares da educação: “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a viver juntos” e o “aprender a ser”.

Nessa perspectiva, Moran (2015, p.32) diz que a pessoa que é motivada para aprender, evolui mais e desenvolve um projeto de vida mais significativo. O autor também enfatiza que “aprender é um processo ativo e progressivo” e cita Dewey (1950), Freire (1996), Ausubel et. Al. (1980), Piaget (2006), Vygotsky (1998) e Bruner (1976), entre outros, que mostram como cada pessoa aprende de forma ativa.

A aprendizagem é ativa e significativa quando avançamos em espiral, de níveis mais simples para mais complexos de conhecimentos e competência em todas as dimensões da vida. Esses avanços realizam-se por diversas trilhas com movimentos, tempos, e desenhos diferentes, que se integram como mosaicos dinâmicos, com diversas ênfases, cores e sínteses, frutos das interações pessoais, sociais e culturais em que estamos inseridos (MORAN, 2018, p.2).

Fica evidente a necessidade do conhecimento também para o estabelecimento de aulas sob a condução das metodologias ativas, que podem ser realizadas por diversos métodos como: Aprendizagem baseada em projeto (*Project-Based Learning*) – ABP; Método de análise e solução de problemas – MASP; Aprendizagem baseada em equipe (*Team-Based Learning*) – TBL; Aprendizagem baseada em jogos (*Games-Based Learning*) – GBL; Aprendizagem baseada em pesquisa ou ensino com pesquisa; Aprendizagem baseada em problema (*Problem-Based Learning*) – PBL; Ensino & aprendizagem híbridos ou *blended learning*; Método do caso (discussão de casos para ensino aprendizagem); Sala de aula invertida (*Flipped Classroom*), entre outros.



## **1.2 Tecnologias digitais de informação e comunicação na educação jornalística**

Conforme Moran (2013), o processo de ensino-aprendizagem, com apoio das novas tecnologias móveis o tornam mais flexível, integrado, empreendedor e inovador tanto no ensino presencial quanto no ensino a distância. No período pandêmico foi possível constatar essa premissa, principalmente nas aulas online, em que os alunos tiveram a oportunidade de produzir com criatividade e inovação.

As tecnologias digitais oferecem tanto a possibilidade de criação de diferentes espaços para o agrupamento de alunos, como as ferramentas indispensáveis para produção. Tudo isso dentro do denominado ciberespaço. Para Luís Mauro Sá Martino (2014, p. 31) as comunidades do ciberespaço têm a oportunidade de trocar conhecimentos “que circulam, são modificados, reconstruídos, aumentados e editados de acordo com as demandas específicas de uma determinada situação”. Já com relação com a noção de convergência, o pesquisador diz que é a possibilidade que cada pessoa tem de ser um produtor de mensagens. Ramón Salaverría Aliaga (2009), diz que a convergência não é um termo novo, mas com o advento da internet e o desenvolvimento das comunicações essa palavra ganhou protagonismo. Conforme Ramón Salaverría Aliaga, José Alberto García Avilés e Miguel Hernández Pere Masip (2010) não existe uma única definição para o conceito de convergência. Os pesquisadores definem três abordagens teóricas, fundamentados sob a ótica de diversos autores: 1) como produto, em que desaparecem as fronteiras tradicionais e há uma confluência de plataformas midiáticas e o surgimento de novos conteúdos e aplicações. 2) como um sistema, onde as diversas esferas se interconectam e se influenciam mutuamente. 3) como um processo, o que equivale a um fenômeno de coordenação entre os meios como um processo gradual que é composto por distintas fases que têm o resultado final na convergência.

Por fim, Salaverría (2009) diz que os aportes mais recentes oferecem um caráter dinâmico para o conceito de convergência.



No en vano, como nos recuerda el diccionario de la Real Academia Española, dos líneas son convergentes cuando “se dirigen a un punto”. Dicho de otro modo, cuando se habla de convergencia siempre se está transmitiendo un mensaje implícito de movimiento hacia algún lugar. Llevado al terreno de los medios de comunicación, ello implica que la “convergencia periodística” es un fenómeno en el que cabe identificar pasos en una determinada dirección. Dicho en cinco palabras: la convergencia es un proceso.

O autor, ainda comenta, que no âmbito tecnológico, a convergência vem se modificando, tanto nos processos de produção, como no consumo de produtos jornalísticos.

Com referência ao ensino de Jornalismo, Salaverría (2009) diz que é preciso ensinar os alunos essas práticas com as novas dinâmicas de edição multiplataforma e orientar aqueles professores que acreditam mais na formação jornalística orientada para os meios específicos. Na sua opinião é preciso criar pontes entre o Jornalismo e a Comunicação Audiovisual, pois os profissionais necessitam ter versatilidade multiplataforma. Também assinala que os jornalistas precisam de uma avançada qualificação nos dispositivos móveis e aplicações digitais.

Los periodistas del siglo XXI deben familiarizarse con los nuevos soportes de consumo informativo multiplataforma, que están cambiando rápidamente respecto de sus predecesores del siglo XX (el periódico impreso, el receptor de radio o el televisor). Hoy día la información comienza a ser consumida preferentemente en dispositivos digitales, portátiles e interactivos. Esas pantallas reclaman formatos y narrativas específicas, adaptadas a unos actos de lectura fragmentarios y breves. También en este aspecto le queda largo camino por recorrer a la investigación y la docencia académica en periodismo (Salaverría 2009).

Jesús Miguel Flores-Vivar (2020) vai ao encontro das palavras de Salaverría e diz que o ciberjornalismo não é uma questão de moda, mas a contextualização de atos e modelos que são perfeitamente demonstráveis e que invalidam as posições daqueles que ainda são nostálgicos do jornalismo de antigamente. Conforme Gerson Luiz Martins (2020), o termo ciberjornalismo é definido para a prática jornalística que envolve as tecnologias do ciberespaço.

Flores (2020) pondera, ainda, que nos cursos de Jornalismo o ensino e aprendizagem sobre tecnologias digitais deve ser transversal, constante e ocorrer em todos os anos do curso. Sobre esta ponderação, acrescenta-se a importância



da atualização ininterrupta tanto sobre os formatos para conteúdos a serem inseridos quanto, sobre as tecnologias utilizadas, pois essas possibilidades de produção no ambiente digital crescem vertiginosamente com a criação de inúmeros softwares de edição, desde os mais simples e amadores até aqueles sofisticados e considerados de ponta. É importante ressaltar que muitos softwares estão disponíveis sem custos, ampliando as chances de acesso. Tendo baixado softwares simples e de fácil manuseio as pessoas conseguem editar programas de vídeo e de áudio, diagramar revistas, criar sites e disponibilizar no ambiente digital. Isso tudo em notebook ou mesmo em um smartfone e, também, de qualquer local que tenha disponibilidade de internet. É possível, ainda, compartilhar seus produtos nas redes sociais para alcançar um número maior de visualizações. Então para alunos, essas alternativas foram fundamentais no período pandêmico e se constituíram em experiências jornalísticas que normalmente eram praticadas presencialmente em laboratórios da faculdade. De suas casas, os alunos podem contar com o professor e técnicos no mesmo espaço digital para as devidas orientações para produção de narrativas diversas como transmídia, crossmídia e intermídia em grandes reportagens multimídia, ou em programas de entrevistas, telejornal ao vivo, podcasts apenas no ambiente digital.

As redes sociais devem ser mencionadas nesse processo, pois a veiculação dos produtos jornalísticos nesses meios já era uma prática que, acabou se amplificando durante a pandemia, tendo em vista a maior autonomia dada ao aluno, o que conferiu diversas vantagens acadêmicas. Conforme Raquel Ricuero, Marco Bastos e Gabriela Zago (2015, p. 30), “nas redes sociais no ciberespaço, cada conexão é um caminho que permite que determinadas informações circulem entre os atores”. Martino (2014) completa a informação ao afirmar que a mobilização das redes sociais é um fator importante para se pensar na vida fora da internet. Sobre a vida fora da internet, mencionada por Martino, é interessante mencionar interessante papel das redes sociais, que oferece oportunidades para que os alunos exponham e “promovam” seus produtos jornalísticos, pois existe a possibilidade de mais pessoas os visualizarem, ampliando e/ou criando relacionamentos interessantes, que podem gerar oportunidades no mercado. Trata-se de um portfólio que amplia o currículo acadêmico dos discentes.



Essas exposições e articulações favorecem o trabalho dos alunos e os incentivam a produzir com inovação e criatividade, tendo em vista a notabilidade que ganham por meio das relações estabelecidas pelas redes. Em contrapartida, é preciso uma produção jornalística de qualidade, tendo em vista o conteúdo e a forma para que tenha efeitos positivos e, além de alcançar a sociedade de uma forma geral, alcance públicos estratégicos, com o auxílio dos algoritmos.

Ricuerdo, Bastos e Zago (2015) comentam que existe uma mudança no suporte da interação, que permite que as informações veiculadas nas redes sejam difundidas de forma diferente e citam a denominação de (Boyd, 2010) como “públicos em rede”. Os pesquisadores (2015 p, 25) afirmam que “as redes sociais na internet representam um novo e complexo universo de fenômenos comunicativos, sociais e discursivos”.

Os públicos em redes têm características relacionadas a esse espaço e suas apropriações. Dentre as características do espaço estão: 1. a permanência das interações, ou seja, o fato de que as interações tendem a ficar inscritas na rede e ali permanecem. 2. A “buscabilidade” dessas interações, que são recuperáveis. 3. A replicabilidade dessas interações, que podem ser reproduzidas facilmente e; 4. A escalabilidade, ou seja, o potencial de alcance e multiplicação desses registros (RICUERO, BASTOS, ZAGO, p. 31, 2015).

Ademais, a veiculação de produtos jornalísticos nas redes sociais ocupa um espaço onde fica evidente a socialização, as relações e a contribuição ao debate público, levando-se em consideração a missão do jornalismo tendo em vista o interesse da sociedade.

Moran (2009) também diz que “o compartilhamento de visões, olhares diferentes, materiais abertos amplia nossos horizontes e nos motiva a sermos proativos, corresponsáveis por múltiplas aprendizagens. Para o autor essas múltiplas possibilidades de conexão por meio dos dispositivos móveis aceleram a aprendizagem individual, grupal e social, e o compartilhamento gera aprendizagens e produtos de forma rápida, barata e inovadora.



### **1.3 A experiência dos alunos do curso de Jornalismo da ESPM-SP**

Durante cerca de 8 meses de 2020, os alunos do curso de Jornalismo da ESPM tiveram todas as aulas online, por meio da plataforma zoom, que possibilitou a interação com professores e técnicos em um único espaço ou com divisão de grupos, dependendo da dinâmica das aulas. A produção dos alunos, em um primeiro momento fator de apreensão por parte dos professores, foi a grande surpresa mediante os resultados obtidos.

Todos os programas de audiovisual e produção de textos das aulas foram mantidos, assim como toda produção do Centro Experimental de Jornalismo (CEJor), que é considerado um celeiro de produções do curso, também não parou.

Em relação ao CEJor, é interessante mencionar que, sob a supervisão de um docente e a participação de mais oito professores e alunos, este centro que pertence ao curso, tem sob sua responsabilidade o desenvolvimento de uma série de oficinas e projetos, o que o caracteriza como um projeto singular e exitoso. As oficinas e projetos do CEJor são: Agência de Jornalismo, onde os alunos produzem matérias diversas; Agência de Comunicação Corporativa, que presta serviços para ONGs e Startups; Oficina de Áudio, com produção de matérias para a CBN; Oficina de Audiovisual, com produção de reportagens e entrevistas; Oficina de Jornalismo Esportivo; Oficina de Fotojornalismo; Oficina de produção da Revista Plural – órgão laboratorial impresso e online; Laboratório de Formatos Projetos Híbridos em Jornalismo (LabFor), que se destaca pela produção produtos em diversas linguagens, como 3D; Laboratório de Mídias Sociais e o “Linkados na Área”, que é um programa de entrevistas em vídeo. Além dessas oficinas e laboratórios, o CEJor conta um projeto denominado “EmpreendaJor” que atende alunos que têm interesse em empreender um negócio em jornalismo. Em relação às disciplinas, foram produzidos podcasts, programa de entrevistas e telejornais.

Todas as oficinas funcionaram normalmente no ambiente online com suas respectivas produções, além da produção em aula como programas de rádio, podcasts, programas de entrevistas em vídeo e telejornais.



Essa diversidade de produções permitiu que os estudantes adquirissem competências e habilidades como fazer entrevista por Skype ou plataforma similares, apresentar programas, produzir podcasts, assim como editar todo material gravado de suas casas. O telejornal foi apresentado nessas condições e ao vivo, sendo transmitido pelo Facebook. É importante mencionar que, a ESPM emprestou notebooks para os alunos e professores que não tinham equipamentos com condições para instalação dos aplicativos necessários. Também colocou técnicos do Departamento de Tecnologias de Ensino e Aprendizagem da faculdade para auxiliar remotamente alunos e professores durante o período de aulas.

Evidentemente problemas ocorreram, como matérias que não puderam ser exibidas por falta de qualidade. Em um dos telejornais apresentados, por exemplo, um âncora perdeu a conexão e o outro teve que puxar para si o comando. Acredita-se, no entanto, que os erros e problemas se constituíram também em um aprendizado e ofereceram oportunidades de reflexão sobre o que foi produzido e pode ser melhorado.

Ainda com referência ao telejornal, denominado “ESPM no Ar”, houve uma experiência significativa. Foi realizada pela primeira vez uma transmissão com a participação dos alunos dos três campi sediados em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre e denominado “ESPM no Ar em Rede”. Uma proposta que estava sendo discutida entre as coordenações das três unidades, mas que se tornou realidade, justamente no momento de distanciamento social. Notícias sobre a pandemia das três cidades foram veiculadas e comentadas por três alunos selecionados como âncoras e outros fizeram as reportagens. Uma proposta inovadora muito bem-sucedida e que recebeu elogios da audiência (ANTONIOLI, 2020, p 88).

Outro fator a ser destacado é a maior autonomia que os alunos tiveram com essas produções e, nesse sentido, acredita-se que o trabalho autônomo do aluno contribui fortemente para seu amadurecimento acadêmico, pois os alunos puderam aproveitar a oportunidade para experimentar, ousar, e buscar fazer jornalismo de diferentes formas.



#### **1.4 Considerações Finais**

O espaço online para as aulas durante a pandemia em 2020 e que se mantém em 2021 foi a primeira experiência tanto para alunos como para professores, que sempre participaram somente do ensino presencial. Nesse novo espaço foi possível, além das aulas teóricas trabalhadas sob diversas metodologias ativas nas quais os professores já tinham expertise, oferecer aos alunos a oportunidade de criar produtos jornalísticos diversos, amparados em suportes de tecnologias digitais direto de suas casas, conferindo a eles competências ampliadas nos quesitos de inovação e criatividade, além de uma maior autonomia de trabalho.

As aulas ministradas por meio de metodologias ativas foram fundamentais para que os alunos adquirissem os conhecimentos necessários e produzissem com inovação e criatividade.

Considera-se, finalmente, que diversos trabalhos produzidos no curso de Jornalismo, em 2019, poderão continuar sendo desenvolvidos, independentemente de as aulas serem online ou presenciais, pois o resultado da experiência demonstra que os alunos conseguiram ser criativos e ganharam mais autonomia em suas produções.

#### **REFERÊNCIAS**

ANTONIOLI, Maria Elisabete. Quem sabe faz ao vivo. Inovação e criatividade: os desafios das aulas ao vivo e on-line no curso de Jornalismo da ESPM. In: **Revista da ESPM**. São Paulo: ano 26 ed.120 n. 3, 2020.

BELHOT, Renato Vairo; FERRAZ, Ana Paula do Carmo Marcheti. **Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais**. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-530X2010000200015&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-530X2010000200015&script=sci_arttext). Acesso em: 30 ago.2015.



- BLOOM, Benjamim S. et al. **Taxionomia dos Objetivos Educacionais**. Porto Alegre: Globo, 1974.
- DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2 ed. São Paulo: Cortez.
- FLORES, Jesús Miguel. El Ciberperiodismo como Disciplina Profesional. In: MARTINS, Gerson Luiz; RIVERA, Diana (orgs). **+25 Perspectivas do Ciberjornalismo**. Aveiro: Ria Editorial.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. FortalUEC, 2002. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 47 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- MARTINS, Gerson Luiz. Ciberjornalismo na Contemporaneidade, o Ensino por Narrativas *Longform* e a Experiência do Primeira Notícia. In: MARTINS, Gerson Luiz; RIVERA, Diana (orgs). **+25 Perspectivas do Ciberjornalismo**. Aveiro: Ria Editorial.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**. Linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MORÁN, José. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. Disponível em: [BACICH ttp://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias\\_moran1.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf). Acesso em: 19 dez. 2020.
- MORAN, José; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21 ed. Campinas: Papyrus, 2013.
- MORAN, José, Educação híbrida. Um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, Lilian; NETO TANZI, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino Híbrido**. Personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.
- MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre. Penso, 2018.
- MORÁN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Disponível em: <https://www.uniavan.edu.br/uploads/arquivo/N62vWDM7yb.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2020.
- RICUERO, Raquel; BASTOS Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- SALAVERRÍA, Ramón. **Los Medios de Comunicación ante la Convergencia Digital**. Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2009. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/handle/10171/5099>. Acesso em: 20 nov 2020.
- SALAVERRÍA Ramón; AVILÉS, José Alberto García; MASIP, Miguel Hernández. Pere. **Concepto de Convergencia Periodística**. Santiago: Universidad de Santiago, Servicio de Publicaciones, 2010.

**ABEJ 2021 - XX Encontro Nacional de Professores de Jornalismo**

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SHÖN, Donald A. Trad. Roberto Cataldo Costa. **Educando o Profissional Reflexivo. Um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas SUL, 2000.